

cescontexto

Paisagens Socioculturais Contemporâneas

Carlos Fortuna (coord.)

Adelino Gonçalves

José Maçãs de Carvalho

Rogério Proença leite

Paulo Peixoto

Paula Abreu

Claudino Ferreira

Nº 12

Novembro 2015

Debates

www.ces.uc.pt/cescontexto



Property and Edition/Propriedade e Edição

Centre for Social Studies – Associate Laboratory

University of Coimbra

www.ces.uc.pt

Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087

3000-995 Coimbra - Portugal

E-mail: cescontexto@ces.uc.pt

Tel: +351 239 855573 Fax: +351 239 855589

Editorial Board/Comissão Editorial

General Coordination/Coordenação Geral: Sílvia Portugal

Debates Collection Coordination/Coordenação Debates: Ana Raquel Matos

ISSN 2192-908X

Índice

Paisagens Socioculturais Contemporâneas: Apresentação	4
<i>Carlos Fortuna</i>	
A paisagem da ruína urbana	5
<i>Adelino Gonçalves</i>	
Dimensões urbanas da salvaguarda.....	10
<i>José Maçãs de Carvalho</i>	
Paisagens com imagens do arquivo e da memória.....	24
<i>Rogério Proença Leite</i>	
Espaço e poder: os procesos de <i>Gentrification</i>	30
<i>Paulo Peixoto</i>	
A China urbana.....	37
<i>Paula Abreu</i>	
Cidades, cenas musicais e paisagens urbanas: itinerários bibliográficos.....	43
<i>Claudino Ferreira</i>	
O envolvimento cultural comunitário	48

A China Urbana

Paulo Peixoto

Resumo: Da arquitetura futurista, aos problemas urbanos mais preocupantes (com o tráfego e a poluição à cabeça), passando pela criação de ficções patrimoniais e pela reprodução de cidades ocidentais, a China urbana, mergulhada na especulação imobiliária, apresenta-se com uma cacofonia de paisagens.

1. Introdução

Da arquitetura futurista, aos problemas urbanos mais preocupantes (com o tráfego automóvel e a poluição à cabeça), passando pela criação de ficções patrimoniais e pela reprodução de cidades ocidentais, a China urbana, mergulhada na especulação imobiliária, apresenta-se com uma cacofonia de paisagens.

Neste texto contextualizamos sobretudo as cópias do urbanismo ocidental, particularmente o europeu, que se multiplicam na China urbana atual, de modo a enquadrar a discussão que promovemos na *Summer School*. Partimos do olhar de três autores atentos da China urbana emergente. Bianca Bosker, que coloca o florescente movimento arquitetónico chinês no plano de uma cultura imaterial que alimenta modos de vida emergentes (Bosker, 2013). Benjamin Pelletier, que sustenta que essas cópias se devem a três fatores que se interpenetram: o planeamento urbano; a especulação imobiliária; e a projeção fantasiosa (Pelletier, 2012). E Oded Shenkar, para quem é fundamental relevar as dimensões sociais da imitação e torná-la um objeto de reflexão intelectual no seio do mundo académico (Shenkar, 2011).

Cultura urbana, urbanismo, património, lazer e turismo enquadram a problemática que, por referência à China urbana contemporânea, retemos para discutir na *Summer School* “Paisagens sociais contemporâneas”.

2. A cultura do imaterial como espírito do processo de urbanização na China

25 das 100 maiores cidades do mundo são chinesas. Em meados do século XX 13% da população chinesa, que é quase 20% da população mundial, era urbana. A percentagem de população urbana na China aproxima-se atualmente dos 50%. Este nível e sobretudo o ritmo de urbanização está a mudar radicalmente as paisagens urbanas chinesas (Yale School of Management, 2014). Karen Seto identifica 3 questões importantes para se falar da China urbana. Em primeiro lugar a escala da urbanização chinesa não tem precedentes em nenhum outro lugar e em nenhum outro momento da história. E não é só uma questão de números. É,



Entrevista com Karen Seto

fundamentalmente, uma questão de transformação radical da cultura urbana. Seto argumenta que para se ter uma noção da transformação ocorrida não basta ir a Pequim, Shanghai ou Guangzhou. Pois essa experiência de confronto com a modernidade chinesa contemporânea não nos permite fazer uma comparação que nos deixe perceber e contextualizar as mudanças que estão a viver aqueles que saem das zonas rurais e das pequenas cidades para os grandes centros urbanos. É pois necessário visitar as pequenas cidades para se ter uma noção das transformações (*idem*). Em segundo lugar, Karen Seto nota que o processo de urbanização chinês está ainda em transição. O que significa que não se pode comparar os grandes centros urbanos, com as cidades que estão em grande crescimento, nem com aquelas que estão a iniciar o processo de urbanização. Há várias cidades a caminho de serem cidades grandes mas que agora são apenas polos de concentração de migrantes rurais que procuram novos modos de vida e que estão em transição da economia rural para a realidade manufatureira. Uma terceira questão a destacar remete para a necessidade de não se ter a veledade de, com uma postura maniqueísta, querer ver o processo de urbanização chinês “a preto e branco”. A realidade é muito dinâmica, o ritmo de crescimento é muito diferenciado e se sobram exemplos de danos ambientais causados pela urbanização, os bons exemplos são também visíveis.

Se o processo de urbanização chinês está envolto numa materialidade insinuante é sobretudo a sua vertente imaterial que se torna relevante. Na China, o processo de urbanização faz-se acompanhar cada vez mais por narrativas sugestivas que procuram fomentar modos de vida alternativos e que, em teoria, são culturalmente valorizados pelos chineses urbanos.

Por todo o lado, os gurus da economia e os discursos dos *media* não se cansam de falar na “desmaterialização da economia” e de a apresentar como a saída óbvia da crise ou como o *zeitgeist* do novo capitalismo emergente. Embora a associação da ideia de crise à China possa parecer algo estranho, a verdade é que a China está hoje enredada numa assinalável especulação imobiliária que ganha dimensão concreta nas designadas cidades fantasma. Trata-se de formas urbanas à procura de conteúdos que são fomentados por via de uma desmaterialização que assenta, por um lado, num urbanismo e numa arquitetura de projeções fantasiosas e, por outro lado, em ficções patrimoniais. Combinados propõem modos de vida radicais para as classes médias emergentes.

A retórica da desmaterialização da economia faz da cultura do imaterial a pedra de toque não só das empresas, mas também das políticas públicas, incluindo a gestão do património. Nesse contexto, as lógicas de empresariação de todas as formas de gestão, incluindo a pública, incorporam cada vez mais a retórica dos “ativos imateriais”: a cultura, o talento e a criatividade dos indivíduos, os saberes e os costumes, as ideias, os sistemas de organização, a marca ou o *ethos* identitário, entre outros. Estes “ativos imateriais”, que sustentam a cultura do imaterial, não são apenas a nova fonte de criação de riqueza nas empresas e na economia. Eles percorrem também o campo dos estudos urbanos e patrimoniais, consubstanciando-se recorrentemente na metalinguagem das “cidades criativas”, que transporta esses ideais e os

eleva à condição de recursos vitais. A China não é alheia a este fenómeno de valorizar os “ativos imateriais” para efeitos de planeamento urbano. Mas a forma de valorização desses ativos ganha contornos únicos no país da Grande Muralha.

3. As novas fronteiras do material. Da colonização à clonização.

A colonização, quer a antiga, quer a contemporânea, junto com a ocupação militar tornaram-se os processos mais elaborados da apropriação do património que países hegemónicos levaram a cabo ao conquistar outras culturas e povos. Porém, na era em que a reprodutibilidade técnica vai muito para além da obra de arte, estendendo-se a outros domínios do património, muitas culturas e povos têm hoje de se agarrar ao seu “património imaterial” (o que não é reproduzível) para sublimar um património material ameaçado pelos ares dos tempos. Hoje, num período de redefinição de hegemónias mundiais, com a China à proa, é a clonização que parece tornar-se, pelo menos no plano simbólico, a mais séria das ameaças de apropriação indevida dos patrimónios de outras culturas e povos e que parece ser capaz de destruir o carácter sagrado e distinto que aparentemente protegia esses patrimónios.

No seu livro “Cópias originais: mimetismo arquitetónico na China contemporânea”, Bianca Bosker (2013) retrata o mais florescente movimento arquitetónico chinês, que se caracteriza pela construção de comunidades que replicam vilas e cidades do ocidente. Bianca Bosker (2013) enfatiza que não se trata de parques temáticos, mas sim de comunidades prósperas onde famílias chinesas refazem as suas vidas num contexto urbano, educam as suas crianças e, farejando princípios de urbanidade, simulam experiências de modos de vida que julgam existir a milhares de quilómetros (o que, glosando Edward Said, poderíamos chamar de identidades estereotipadas do Ocidente num processo em que o Oriente inventa, dentro de portas, o Ocidente).



Tianduchen – Réplica de Paris

Embora esta visão do fenómeno não seja consensual (Cfr. Carlson 2012; Pelletie, 2012; Shepherd e Yu 2013), o que é verdade é que o fenómeno existe, assumindo dimensões sem precedentes.

É conhecido o ancestral gosto chinês pela cópia. Desde a primeira dinastia chinesa, existe a tradição de, a seguir à conquista, como forma de afirmação de um poder hegemónico, se fazerem réplicas dos bens mais significativos das culturas e dos povos conquistados. Essas réplicas sempre foram encaradas como os mais importantes despojos de guerra podendo estabelecer-se uma analogia com os museus ocidentais resultantes da ocupação colonial. Além disso, como afirma Shenkar (2011), a China cultiva, ao longo de séculos, religiosamente, a ideia que economicamente a cultura da imitação é mais vantajosa que a cultura da inovação.

O que se passa atualmente na China no domínio da replicação inusitada de bens urbanísticos e patrimoniais do Ocidente, embora não seja só isso que está em causa, não pode deixar de ser visto como uma componente da hegemonia que a China vem afirmando no mundo. Ou seja, a cultura da clonagem representa um tipo de triunfalismo. Se esse tipo de

triumfalismo é ou pode ser mais perigoso que o colonialismo tradicional depende muito da nossa posição no mundo. Recentemente, no campo da arquitetura, os chineses copiaram vários edifícios e paisagens. Primeiro, baseando-se, em edifícios singulares, seguindo uma lógica de miniaturização e de criação de parques temáticos. Mais recentemente recriando ruas, bairros e cidades enquadrados em estratégias residenciais.

Dos ‘Campos Elísios franceses’, com a sua Torre Eiffel, em Hangzhou, ao complexo residencial de Chengdu, que mimetiza Dorchester, na Inglaterra, passando pela ‘Thames Town’ de Shanghai (destinada a receber 10 mil residentes), a ‘cidade escandinava’ de Luodian, a ‘cidade alemã’ de Anting (projetada para 50 mil residentes), a ‘cidade holandesa’ de Gaoqiao, a ‘cidade italiana’ de Pujiang, a ‘cidade norte americana’ de Bao (ou a de Fengjing, ou a de Zhoupu), a ‘cidade espanhola’ de Fengcheng, sem esquecer a paisagem de Manhattan, em Tianjin (onde também existem castelos franceses que se destinam à descoberta dos vinhos franceses), os promotores imobiliários e turísticos chineses replicam hoje, em larga escala, vários lugares e comunidades do Ocidente.

O projeto mais ambicioso, iniciado em 2000, é, sem dúvida, o que se baseou no plano “uma cidade, 9 vilas”, que erigiu 9 cidades temáticas em torno de Shangai.

Um dos projetos mais emblemáticos é a Paris chinesa, a 200 Kms de Shangai, com várias dezenas de imóveis haussmanianos, situados ao longo dos ‘Campos Elísios’, foi construída para receber 10 mil residentes (e projetada para 100 mil em finais de 2015). Com arrendamentos de 500€ por mês, por apartamentos de 300 m², com opções de estilos de vida com vistas para as vinhas, como em Montmartre, ou para Versailles, é hoje uma das cidades fantasmas chinesas, onde não vivem mais de 2 mil habitantes, embora os relatos oficiais falem em milhares de pessoas vivendo aí. A questão é que muitas destas cidades estão vazias. São cidades fantasmas que representam mais o desejo de a China se dar a ver ao mundo e às suas classes médias emergentes de uma certa maneira do que a capacidade de poder de compra real dos novos chineses urbanos. Anting, a ‘cidade alemã’ tem atualmente cerca de 10 mil habitantes, sendo uma das que tem maior taxa de ocupação (20%) (Pelletier, 2012).

4. A nossa casa muito longe de casa



Huizhou em Guanadoná – Réplica Hallstat

O projeto mais polémico (embora não falem candidatos, como por exemplo a Manhattan de Yujiapu, em Tianjin) é a clonagem de Hallstatt, uma vila austríaca, de 900 habitantes, que é património mundial da UNESCO e que recebe cerca de 80 mil turistas por ano. O projeto ganhou projeção por ter sido desenvolvido em segredo por operadores privados e por ter copiado uma cidade património mundial. O que originou a polémica pública em torno da questão de se poder ou não mimetizar algo que adquiriu um estatuto patrimonial por ser único.

A evolução recente deste caso tem características que o tornam exemplar. A reação inicialmente negativa das autoridades austríacas e dos habitantes de Hallstat foi mudando à medida que o número de turistas chineses que demandam a cidade austríaca para conhecer o original foi crescendo de ano para ano. E afinal, os chineses são já nas estatísticas do

turismo internacional a nacionalidade mais numerosa e a que mais despesas realiza no exterior. Como nota Pelletier (2012), as cidades fantasiosas que se erguem à volta de Shangai, copiando cidades e ambientes urbanos europeus, respondem ao mesmo tempo aos anseios dos chineses ricos e dos turistas ocidentais que visitam a China, uma vez que os últimos encontram nessas paisagens urbanas oportunidades para parodiar em ambiente exótico as suas próprias referências culturais. Do mesmo modo, se para muitos chineses essas ficções patrimoniais urbanas são pouco mais que molduras para casar como os ocidentais, espaços extraordinários de lazer para se fazer fotografar ‘no Ocidente’, ou cópias de originais que nunca vão poder conhecer, para os chineses que têm meios de viajar para o estrangeiro a cópia é um indutor de seleção do que se vai visitar no destino, na medida em que fomenta a vontade de, conhecida a cópia, querer conhecer o original.

Retomando o desafio de Oded Shenkar (2011), no sentido de relevar as dimensões sociais da imitação e a tornar objeto de reflexão intelectual no seio do mundo académico, é curial registar modos de como a cópia pode ser um fator de inovação. Iniciativas como aquela que foi empreendida recentemente pelos promotores de Huizhou, quando lançaram o ‘Programa de Intercâmbio Intercontinental Hallstat’, são disso um exemplo. O programa permite aos habitantes das duas cidades, os que vivem no original e os que vivem na cópia, trocar de residência ou acolher os moradores da moradia gémea, permitindo-lhes viver na ‘sua casa’ mas muito longe de casa. O programa foi alvo de grande promoção com a realização do primeiro casamento entre moradores da ‘mesma casa’ e convenceu alguns austríacos a comprar casa em Huizhou.

5. Questões finais

Até que ponto a materialidade das ficções urbanas chinesas pode ser vista, num país que se desenvolve vertiginosamente e que se transforma de civilização rural em civilização urbana, como uma espécie de enobrecimento ou de gentrificação? Ou seja, até que ponto os cenários urbanos apoiados na difusão de modos de vida baseados numa autenticidade encenada pode ser visto como uma forma de criar protótipos comportamentais que dêem à China e ao mundo uma outra visão dos chineses? E até que ponto isso é diferente de processos que conhecemos no Ocidente? Com que propriedade podemos retratar estas paisagens urbanas chinesas como uma encenação autêntica e em que diferem das autenticidades encenadas que referenciamos nos processos de patrimonialização ocidentais? Em que medida podemos olhar para estas projeções fantasiosas como algo que está investido de um forte poder ideológico num contexto em que as desigualdades se adensam e em que a maioria tem mais à mão o que dificilmente pode concretizar por via de uma experiência turística intercontinental? Em que medida estes produtos urbanísticos da nova China urbana contribuem para formatar os fluxos turísticos do país que mais turistas envia e que mais turistas recebe no plano mundial?

Referências Bibliográficas

Bosker, B. (2013), *Original Copies: Architectural Mimicry in Contemporary China*. Honolulu: University of Hawaií Press.

Canclini, N. G. (2012), *A sociedade sem relato - Antropologia e estética da iminência*. São Paulo: Edusp.

Carlson, J. (2012), "China's Copycat Cities. The People's Republic is building life-size European villages, but not for the reasons you think", *Foreign Policy*, disponível em <http://foreignpolicy.com/2012/11/29/chinas-copycat-cities/>.

Pelletier, B. (2012), *Quand les Chinois copient les villes européennes*. Disponível em <http://gestion-des-risques-interculturels.com/pays/asie-pays/chine/quand-les-chinois-copient-les-villes-europeennes/>, consultado a 27 de maio de 2015.

Shenkar, O. (2011), "L'art méconnu de l'imitation", *ParisTech Review*, disponível em <http://www.paristechreview.com/2011/11/18/art-meconnu-imitation/>.

Shepherd, R. J.; Yu, L. (2013), *Heritage Management, Tourism, and Governance in China - Managing the Past to Serve the Present*. Nova Iorque: Springer.

Yale School of Management (2014), Yale Insights - What Should Be Understood about Urbanization in China? Entrevista a Karen Seto, Yale, Disponível em <http://insights.som.yale.edu/insights/what-should-we-understand-about-urbanization-china>, consultada a 26 de maio de 2015.